

REMATE DE MALES

Campinas-SP, (31.1-2): pp. 369-372, Jan./Dez. 2011

Carolina Duarte Damasceno

carolinaddf@yahoo.com.br

NITRINI, Sandra. *Transfigurações*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2010.

Em *Transfigurações*, Sandra Nitrini reúne alguns de seus ensaios já publicados sobre a obra de Osman Lins, além de estudos inéditos. Engana-se, todavia, quem pensar que nesse seu novo livro predomina o caráter descontínuo próprio a algumas coletâneas: a autora teve especial cuidado em planejar a disposição dos textos, fazendo inclusive alterações em seu formato original a fim de dar unidade ao conjunto. Ainda que não seja seu propósito contemplar todos os livros do escritor pernambucano, suas leituras, feitas em distintas perspectivas, tocam em aspectos que perpassam toda sua obra, marcada pela constante procura por uma forma de expressão própria e capaz de refletir sua visão de mundo.

A imagem de busca, presente na epígrafe de Simone de Beauvoir que abre essa compilação, dá o tom do percurso de Osman Lins: “Toda obra literária essencialmente é uma procura [...]. Romance, autobiografia, ensaio, não existe obra literária que não seja essa procura.” (NITRINI, 2010, p.9). São as etapas dessa trajetória, desde sua formação até a conquista e a consolidação de sua maturidade literária, que Sandra Nitrini se propõe a acompanhar, seguindo, embora sem rigidez, a cronologia da obra do escritor.

Assim, em um primeiro momento, após uma nota biográfica que precede os onze ensaios reunidos nesse trabalho, ela debruça-se sobre seu projeto literário e analisa alguns de seus livros publicados nas décadas de 50 e 60: *O visitante* (1955), *Lisbela e o Prisioneiro* (1964) e *Os gestos* (1957). Em seguida, dedica um ensaio a seus contos e três a *Marinheiro de primeira viagem* (1963),

que antecede a transição em sua produção literária. Ao refletir sobre sua fase madura, detém-se, principalmente, em *Avalovara* (1973), destacando a relação do romance com as artes plásticas e com cânones da literatura ocidental. Por fim, encerra o estudo com uma análise de seu último relato publicado em vida, *La paz existe?* (1977), escrito conjuntamente com sua esposa, a também escritora Julieta de Godoy Ladeira.

Em “Reflexões do jovem escritor”, que parte de uma exaustiva pesquisa nos 5383 documentos que compõem o arquivo de Osman Lins no IEB, a pesquisadora seleciona três cadernetas da década de 50 que lhe permitem mapear os bastidores da criação do autor. Nelas, identifica princípios “que serão norteadores de sua poética bem como alguns temas e situações que serão aproveitados em sua obra de ficção, em processo de criação concomitante, imediato ou mesmo posterior ao ato de produzir suas anotações” (NITRINI, 2010, p.24). Essas notas prenunciariam textos futuros, trazendo tanto reflexões que serão abordadas de forma mais detida em seu livro de ensaios, *Guerra sem testemunhas* (1969), quanto germes de alguns contos. Após mostrar como o esboço de “O vitral” e “O circo” já aparece nesses cadernos, Sandra Nitrini ressalta que, embora todas as ideias ali presentes não remetam a concretizações específicas, elas ressoam no conjunto da obra.

Lançando um olhar retrospectivo sobre a produção de Osman Lins, destaca a presença de um sólido e consciente projeto literário, traçado desde *O fiel e a pedra* (1961). É provavelmente o pressuposto da existência de um plano que a faz assinalar certa continuidade entre a primeira e a segunda fase do autor, inaugurada com a publicação de *Nove, novena* (1966). Por isso, tanto em sua leitura de *Os gestos* quanto em “A posse da expressão e o vulgar da vida” e “Poética do Avesso”, estudos dedicados a *O Visitante* e *Lisbela e o Prisioneiro*, respectivamente, menciona elementos presentes, embora em forma distinta, nos dois momentos da literatura osmaniana, como a relação entre a mulher e a palavra e busca pelo insólito, entre outros.

É importante frisar, entretanto, que o fato de apontar temas e motivos comuns aos primeiros livros e aos que constituem sua fase madura não significa que a autora desconsidere as importantes mudanças em sua escrita. Parece mais acertado dizer que o anseio de concatená-los decorre da ideia de que, na planejada escrita de Osman Lins, haveria mais elos do que desgarrados fios.

O propósito de mostrar como seus livros se inserem em uma sequência repercute também na leitura de *Marinheiro de primeira viagem*. Colocando-se contra a tendência de dissociá-lo dos demais - incentivada pelo próprio escritor, para quem esse relato configurou-se como uma espécie de depuração necessária para voltar a escrever textos ficcionais -, Sandra Nitrini defende que *Marinheiro de primeira viagem* “prenuncia a composição descontínua de *Nove*,

Novena e Avalovara e o seu parentesco mais chegado com a arte do retábulo e com a pintura.” (NITRINI, 2010, p.68). Segundo ela, o caráter deslocado tradicionalmente atribuído a esse livro também se deve ao lugar periférico ocupado pela literatura de viagens. A esse propósito, destaca o quanto Osman renova o gênero, tanto no relato em questão, escrito em 3ª pessoa, quanto em *La paz existe?*, fruto de sua viagem à América Latina com Julieta de Godoy Ladeira, escrito a quatro mãos.

Marinheiro de primeira viagem narra, de uma forma que em nada lembra o olhar turístico convencional, a temporada de Osman Lins no continente europeu onde, seguindo um disciplinado programa cultural, ele visitou museus, catedrais e conheceu escritores do *Nouveau Roman*. Esse período acarretou mudanças profundas em sua ficção, o que leva a pesquisadora a defender que o livro “materializa uma viagem sem retorno, no plano da realização literária, da primeira para a segunda fase de sua obra” (NITRINI, 2010, p.113). De fato, *Nove, novena, Avalovara* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia* (1976), escritos após esse importante marco, diferenciam-se dos restantes “pela quebra da ilusão da realidade com a rarefação e a dispersão do enredo, por novos processos de composição da personagem e por alta dose de reflexão sobre o romance...” (NITRINI, 2010, p.57). Tendo em vista esse último aspecto, ela evidencia como o novo tratamento dado à metalinguagem, que sai dos bastidores e passa a se entrelaçar a elementos ficcionais, tem um papel fundamental na consolidação de um estilo literário próprio.

Também desempenha um papel importante nesse processo a presença das artes plásticas na escrita do autor pernambucano, tema cujo percurso o leitor de *Transfigurações* pode acompanhar especialmente a partir de “A arte no tempo, o tempo na arte”, “A pintura na poética de Osman Lins” e “Do falar ao tapete”. Nesses estudos, perpassados por gravuras coloridas de quadros e catedrais, Sandra Nitrini mostra como sua obra, além de abalar as classificações habituais de gênero, desafia as fronteiras entre a literatura e as demais artes. Esclarece que o forte apelo visual estava presente desde seus primeiros livros, nos quais a pintura era utilizada com meio de ficcionalizar a experiência. A fim de exemplificar esse recurso, analisa “A moça”, em *Marinheiro de primeira viagem*, texto em que uma mulher no metrô é contemplada como se fosse um quadro pré-renascentista. Ressalta, porém, que em sua segunda fase as artes plásticas não constituem somente um filtro para a leitura do mundo, mas são absorvidas no âmago da escritura. Assim, algumas características de *Nove, novena* e *Avalovara* vinculam-se à linguagem visual, como a fragmentação das estruturas narrativas, o aperspectivismo e a importância dada ao ornamento. Segundo a autora, essa dimensão pictórica da escrita, ao menos no caso de Osman Lins, somente se torna possível em sua literatura anti-ilusionista, e não nos relatos nos quais predomina o registro mimético.

A relação do escritor pernambucano com obras canônicas ocidentais também merece destaque em *Transfigurações*. Nesse sentido, vale lembrar que a intertextualidade há muito merece o interesse da autora, renomada comparatista que, além de voltar-se, em *Poéticas em Confronto* (NITRINI, HUCITEC, 1987), aos limites e alcances da comparação entre *Nove, Novena* e o *Nouveau Roman*, traduziu um instigante trabalho sobre o tema, *Intertextualidade*, de Tiphaine Samoyault (HUCITEC, 2008). Apesar de ela mapear, na análise das cadernetas de Osman Lins, a influência de alguns autores, como Gide, com quem ele compartilha a “visão do trabalho artesanal com o texto” (NITRINI, 2010, p.33), esse estudo é empreendido principalmente em sua leitura de *Avalovara*.

Em “O intertexto canônico em *Avalovara*”, deixa claro sua forma de abordar a questão: não seguirá a crítica da época, que apontava a influência de Faulkner, Joyce e dos escritores latino-americanos contemporâneos sobre esse livro, mas tampouco se restringirá às referências assumidas por Osman Lins. Uma vez explicitado seu enfoque, mostra como *Avalovara* dialoga com *Divina comédia*, *Os sofrimentos do jovem Werther* e *Moby Dick*, “que tematizam explicitamente a viagem e a busca de algo difícil, inapreensível, motivos nucleares do gênero épico” (NITRINI, 2010, p.143). Fora essas obras, citadas diretamente pelo narrador Abel, ela também sugere a relação mais sutil entre esse romance de 1973 e *A modificação*, de Michel Butor. No ensaio “Um paralelo desprezioso”, estabelece outro diálogo literário que não se comprova por alusões feitas no decorrer do texto. Em sua comparação, a qual entende como uma “reminiscência literária” (NITRINI, 2010, p.179), assinala possíveis ecos de *Avalovara* em *Budapeste*, de Chico Buarque. É importante frisar que, ao longo de todo estudo sobre as relações intertextuais, reforça que Osman Lins não foi, em momento algum, mero reprodutor de fórmulas de autores consagrados: as influências recebidas foram transmutadas, contribuindo na criação de um estilo próprio.

Ao deter-se na estrutura de *Marinheiro de primeira Viagem*, a autora observa que os fragmentos desse relato “podem ser lidos e apreciados como se fossem quadros numa sala de exposição em que o visitante, embora solicitado, não é obrigado a seguir a ordem de contemplação sugerida por seus organizadores.” (NITRINI, 2010, p.69). Esse comentário pode certamente ser transposto aos ensaios reunidos em *Transfigurações*, livro que empreende uma verdadeira exposição do percurso literário de Osman Lins, escritor ainda pouco estudado que, ironicamente, foi vítima do mercado editorial brasileiro, com o qual tanto se preocupava (seus livros, após sua morte, ficaram vinte anos sem reedições). As leituras de Sandra Nitrini configuram-se, assim, como um convite para retomar a obra meticulosamente construída de uma das mais instigantes e peculiares vozes das letras nacionais.